

A TRAJETÓRIA DO CONCEITO DE AMOR ATRAVÉS DOS TEMPOS À LUZ DA PSICANÁLISE

Autores: LUIZ HENRIQUE SILVA NASCIMENTO, TELMA BORGES DA SILVA

Introdução

A primeira noção de amor que é historicamente apresentada, vem da antiguidade, formulada por Platão, em *O banquete*, onde um diálogo sobre o amor é colocado em questão. Já na Idade Média, a história de *Tristão e Isolda* clara oposição ao amor como formulado por Platão, pois aqui, o amor é uma arte prática, através da palavra e da experiência afetiva dos amantes.

No século XII percebemos que o amor, se refaz, pelos trovadores, onde, é um amor que se submete as regras de um amor cortês, é um amor apenas no plano do imaginário, respeitando os paradigmas dos gêneros, sempre manifestados nas coitas amorosas, que sempre apresentam como solução para aquele amor imaginado, as perdas da razão, até o morrer de tanto amor.

Outro tipo de amor que aparece, é o amor romântico, em que a Lobato (2014) define como uma atração meramente sexual, que envolve a idealização do outro, num contexto erotizado, com o desejo de permanecer por algum tempo no futuro.

Pode-se perceber o amor romântico no romance *Senhora*, de José de Alencar, com a idealização de Aurélia Camargo, a protagonista da trama, em continuar com seu amado, Fernando de Seixas, que está prestes a abandoná-la pelo fim do contrato do matrimônio. Mas a Aurélia ajoelha em seus pés e declara seu amor pelo marido. Nesse momento percebemos o conceito de Josefina Lobato tomando forma, pois a protagonista do romance romântico expõe seu desejo de continuar por algum tempo no futuro com seu amado.

Até o início da década de 80, muitos pesquisadores entendiam que o amor romântico seria um sentimento requintado e raro. Ao entender o amor enquanto construção social, fica evidente na literatura suas inúmeras facetas constituídas através das épocas, o que salienta outras formas de amar e de ser amado. Miller (1989) explica que o amor que Freud desvendou, se trata de um amor narcísico, que diz respeito a um amor ao semelhante, o amar-se no outro, vertente de amor enquanto relação de dependência. Para Lacan (1974), o amor é formulado na demanda do Outro, se é feito o que o Outro quer, como benefício deves me amar.

Destarte, ao nos depararmos com as inúmeras mudanças, cada vez mais frequentes que vem acontecendo no conceito de amor, no decorrer da (pós/ultra)modernidade, que resultaram em alterações severas na intimidade e na vida pessoal dos sujeitos, que são: a possibilidade de vários amores; o amor de forma sexualizada, erotizada; o amor homoafetivo. Percebe-se com clareza o papel fundamental que a revolução sexual e a emancipação feminina tiveram (Araújo, 2002), possibilitaram analisar, na literatura, por meio da psicanálise, as transições do amor como prelúdio para o casamento, a fim de manter alianças de patrimônio e consanguinidade para esses amores modernos, em que, o amor é por afinidade amorosa, o que permite a escolha do cônjuge, independente de quem o seja.

Material e métodos



A pesquisa é fruto da iniciação científica voluntária (ICV) e possui caráter bibliográfico e de cunho descritivo, pois visa analisar os dados coletados e descrever as modificações no conceito do amor nas diferentes épocas literárias, tendo como objeto os seguintes textos: cantigas de amor trovadorescas (de amor e de amigo), a história de *Tristão e Isolda*, com transição para o amor romântico, o amor romântico em *Senhora*, de José de Alencar e o amor homoerótico em *O bom crioulo*, de Adolfo Caminha e *Acenos e afagos*, de João Gilberto Noll.

Dialogaremos com S. Freud, criador da Psicanálise, que entende o amor como dependência do outro; Jacques Lacan, o propulsor das lacunas que Freud deixou na psicanálise, discute o amor como troca, ao fazer o que o Outro quer, como recompensa se tem o amor; J. A. Miller que promove a junção dos conceitos apresentados por Freud e Lacan, onde o amor é reconhecer-se como sujeito faltoso e dependente do outro. Josefina Lobato, que discute o amor romântico na perspectiva antropológica.

Resultados e discussão

A literatura consegue compreender essa produção imaginária semeada na sociedade em que o amor é tido, na maioria das vezes, como “entrega”, “partilha”, “completude”, “eterno”, “superação de obstáculos”, “monogâmico” e, prioritariamente, “heterossexual” e também mostra a faceta ocultada do amor, mostrando as relações não-monogâmicas, homossexuais, bissexuais, e também uma racionalidade, nem sempre tida como característica do amor. Mas a fonte dessas percepções é fragmentada, distorcida e alienante.

O amor aqui é tido como como uma suplência em relação à inexistência da relação sexual, como afirma Lacan (1974). Levando em conta a incongruência amorosa dos homens e as mulheres que amam de modo intenso e incomparável, como se percebe em *Tristão e Isolda* e em *Senhora* de José de Alencar.

As obras literárias que retratam o amor ao longo dos tempos corrobora com o que encontramos no dicionário, quando procuramos o seu significado. Não existe um conceito claro e definido, encontramos em média, 30 significados. O amor é significado e significante, permitindo ao sujeito dar o seu significado subjetivo e se constituir através da representação social que o amor possui. Assim como em *O bom crioulo* de Adolfo Caminha que retrata um amor homossexual e coloca a personagem Amaro, um ex-escravo com papéis tidos como masculino, viril e detentor da razão e Aleixo como submisso, inocente e belo cada um deles resinificaram o amor homoerótico de uma forma totalmente heteronormativa, encaixando-os em um papel masculino e feminino.

O amor na literatura ainda preserva algumas de suas características de origem, entretanto, ele se refez para que consiga continuar pertencente em uma sociedade que cada vez mais o nega. Pois cada vez mais é confundido com a angústia, e em uma sociedade que preza pelo gozo, cada vez menos se tem relações amorosas. Miller (1989) aponta que o amor preserva o lugar da falta no outro, a angústia a tampona e separa. Diferente de outrora, onde a sociedade era quem se adaptava ao amor.

Considerações finais

A trajetória do amor na literatura deixa claro que o amor, romantizado como conhecemos atualmente é uma construção social. Homens e mulheres amam de modos distintos. Homens heteros amam de uma forma, homens com sexualidades diferentes da heteronormatividade amam de outras formas. Mulheres heteros amam de maneira contrária as que não a são. Além de toda a diferenciação de gêneros e sexualidades para expressar as formas de amor, percebe-se ainda que em cada período a forma de amor se difere, seja levando em conta a forma de se expressar; seja pela duração do amor, podendo ser eterno, ou apenas num determinado período das vidas daquelas pessoas; seja pela faixa etária dos amantes ou a cultura vigente da região em que o amor acontece.

Mas em um aspecto o amor continua o mesmo, a forma como a subjetividade masculina e feminina que constitui os sujeitos como homem e mulher se instauram. Mesmo aos sujeitos que fogem do binário masculino/feminino, como acontece com a personagem João Imaculado de *Acenos e Afagos* de João Gilberto Noll, que se traveste e sempre se questiona como é ser uma mulher para que possa amar o seu engenheiro, mas nos esclarece que durante o dia é uma mulher comum como qualquer outra, mas a noite é um homem viril, pois ele é que tem a função ativa nas relações sexuais; amam dentro da cultura heteronormativa que estamos inseridos, ao passo que copiam as formas heteros de se relacionar e existir. As formas de amar retificam o que é ser homem, ao ensinar que homens amam de maneira mais racional, cautelosos, e são viris. As mulheres são enigmáticas, carinhosas e inocentes.

Lacan (1974) não tem a pretensão em definir o modo de amar dos homens e mulheres, mas afirma que há uma diferença sexual que marca o feminino e masculino, diferença que também é apontada por Freud no atravessamento edípico e que impõem barreiras nas formas de se relacionar dos sexos. Nesse sentido, as obras literárias apontam o que a psicanálise afirma: “o amor se marca como algo não dá ordem da identificação, mas da diferença.” (Badiou & Truong, 2009, p. 13). Pois o objeto de amor é constituído numa relação imaginária, que tem como objetivo preencher uma falta estrutural. Então ao invés de fazer uma pessoa encontrar seu parceiro ideal, com a pretensão da completude, ideia que atravessou séculos, percebe-se que no núcleo do encontro amoroso, aparece a denúncia da falta.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, à minha orientadora pelo tempo empenhado e carinho com que transmite seus conhecimentos, e aos amigos, que disponibilizaram um pouquinho do tempo com contribuições a este estudo.

Referências bibliográficas

BADIOU, A., TRUONG, N. *Elogio ao amor*. São Paulo: Martins Fontes, 2009

FREUD, Sigmund. *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens* (Contribuições à Psicologia do Amor I) (1910). Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1976. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud). V. XI. P. 147.

LACAN, J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1974

LOBATO, Josefina Pimenta. *Antropologia do amor - do Oriente ao Ocidente*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.

MILLER, J. A. *Seminário Lógicas de la vida amorosa: Jornadas del Campo Freudiano*. Buenos Aires: Edições Manantial SRL, 1989. Texto estabelecido por Graciela Brodsky. (Versão não corrigida pelo autor).